Da diáspora às etnopaisagens: diversidade e pertencimento nas migrações transnacionais

From diaspora to ethnoscapes: diversity and belongingness in transnational migrations

SOFIA CAVALCANTI ZANFORLIN*

Universidade Católica de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília – DF, Brasil

RESUMO

A discussão neste artigo se articula a experiências de pesquisas de campo realizadas em quatro cidades brasileiras, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus, entre 2011 e 2015, tendo como fio condutor as negociações por pertencimento realizadas pelas comunidades de imigrantes contemporâneas no Brasil. A partir de questões levantadas por Stuart Hall em "Pensando a diáspora", principalmente a questão da diáspora caribenha, discutimos a negociação dos novos pertencimentos e o desejo imaginário ao retorno à terra deixada. Explorar essa tensão é o objetivo deste artigo, trazendo o debate para as novas comunidades de imigrantes no Brasil.

Palavras-chave: Migração, diáspora, etnopaisagem, pertencimento

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Católica de Brasília. Doutora em Comunicação e Cultural pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora de *Etnopaisajes en las metrópolis brasileñas: migración, comunicación y sentimiento de pertenencia* (Barcelona: Editoral UOC, 2016). Orcid: http://orcid.org/0000-0003-4030-1329 E-mail: szanforlin@gmail.com

ABSTRACT

The discussion in this article is associated with the experience of field researches in four Brazilian cities, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro and Manaus, between 2011 and 2015, having as guideline the negotiations for belongingness performed by contemporary immigrant communities in Brazil. From questions made by Stuart Hall in "Thinking the diaspora", mainly the question of the Caribbean diaspora, we discuss the new belongingness negotiation and the imaginary desire to the return to the land left. Exploring this tension is the objective of this article, bringing the debate to the new immigrant communities in Brazil.

Keywords: Migration, diaspora, ethnoscape, belongingness

Da diáspora às etnopaisagens: diversidade e pertencimento nas migrações transnacionais

INTRODUÇÃO

EM "PENSANDO A DIÁSPORA: reflexões sobre a terra no exterior" (2003), Stuart Hall pergunta "O que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber e imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora?" (Ibid.: 28). Ao mesmo tempo, aponta que cada diáspora "carrega consigo a promessa do retorno redentor" (Ibid.). É nessa tensão, entre novos pertencimentos e o desejo imaginário ao retorno à terra deixada, que Hall discute a questão diaspórica, a partir da experiência caribenha. Explorar essa tensão é o objetivo deste artigo, trazendo o debate para as novas comunidades de imigrantes no Brasil.

Problematizamos o conceito de diáspora a partir de três autores: Robin Cohen (2008), Arjun Appadurai (2004) e Stuart Hall (1993, 2000, 2003, 2013). São leituras contemporâneas de um conceito cuja origem remonta à experiência judaica. A discussão conceitual neste trabalho se articula a experiências de pesquisas de campo realizadas em quatro cidades brasileiras, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro e Manaus, entre 2011 e 2015, tendo como fio condutor as negociações por pertencimento realizadas pelas comunidades de imigrantes contemporâneas no Brasil. A questão migratória brasileira atual recrudesce em meio a uma indefinição acerca da anacronia da legislação migratória, datada de 1980, cuja lei se baseia mais na garantia de defesa do território nacional às "ameaças da presença estrangeira". Assim, a migração no Brasil contemporâneo se dá pelo migrante econômico, logo passível de ser tachado como *ilegal*, refugiado ou, na maioria das vezes, solicitante de refúgio. O ponto fundamental aqui consiste na análise das narrativas dos imigrantes das comunidades angolanas, congolesas, haitianas, ganesas, bengalis e paquistanesas a partir das pesquisas desenvolvidas pela autora. Mais do que uma comparação entre os grupos mencionados, e para além de um estudo de caso específico, o que interessa é problematizar os aspectos relacionados ao conceito de diáspora e confrontá-los à luz dos elementos que compõem o cenário das migrações transnacionais na atualidade.

Refletimos ainda sobre a conceituação de Appadurai (2004) acerca das esferas públicas de diáspora, responsáveis, segundo o autor, pela formação de etnopaisagens nas cidades globais. Desse modo, as etnopaisagens reconfiguram o contexto atual constituído pelo deslocamento de turistas, migrantes, refugiados, exilados, trabalhadores e outros grupos e indivíduos em movimento. É dessa forma que as diásporas estabelecem novos parâmetros sobre o que constitui o real contemporâneo, reconfiguram a experiência identitária e os novos pertencimentos.

A DIÁSPORA CARIBENHA POR STUART HALL

Para Stuart Hall, a discussão em torno do tema da diáspora se dá pela tensão entre a manutenção do pertencimento à terra de origem e as novas identidades que "se tornam múltiplas" na situação de diáspora. Hall, que se identificava como intelectual diaspórico, caribenho da Jamaica, radicado na Inglaterra, parece tecer um diálogo primeiramente consigo mesmo, e, claro, com sua história pessoal, ao trabalhar essas questões no artigo "Pensando a diáspora" (Hall, 2003). "E de que forma devemos pensar sobre identidade nacional e o pertencimento no Caribe à luz dessa experiência de diáspora?" (Ibid.: 26), provoca.

Talvez o que Hall sugira é que a condição diaspórica atravesse a história caribenha de forma constitutiva. Certamente podemos aludir a outros lugares e povos que têm suas identidades constituídas a partir da diáspora, e então chegaremos à experiência judaica, cujo termo pode ser compreendido como sinônimo primordial dessa acepção. Hall lembra que a analogia da diáspora judaica do Antigo Testamento pode ser reconhecida no movimento do Povo de Jah, da Jamaica, cuja "narrativa de libertação, esperança e redenção do Novo Mundo, [...] tem fornecido sua metáfora dominante a todos os discursos libertadores negros no Novo Mundo" (Ibid.: 29). No entanto, para além de questões autorais ou conceituais, pensar a identidade caribenha, como propõe Hall, é pensar um lugar marcado pela experiência de povos que vêm em diáspora, e, até são duplamente diaspóricos, ao migrar do Caribe para os centros europeus metropolitanos. Em entrevista, o autor problematiza a experiência pessoal diaspórica:

> Sinto que não estou em casa em nenhum dos dois países, o que é, suponho, a causa da minha ênfase na noção de *in-betweenness*. É por isso que me interesso pelo fenômeno das diásporas, é por isso que me interesso por hibridizações, pelo que constitui a "casa", para a qual nunca se volta efetivamente. (Hall, 2013: 197)

No entanto, em outro texto, Hall assinala que a condição dispersa e fragmentada do migrante torna-se, na pós-modernidade, a condição mais estabilizadora na experiência contemporânea. A fragmentação, o entre-lugar, passa a ser como o estar em casa, estar à vontade em não ter um centro (Hall, 1993).

A diáspora caribenha, para além das peculiaridades históricas dos países do Caribe, também sintetiza, grosso modo, as suas semelhanças: terras que tiveram suas populações indígenas originárias assimiladas ou aniquila-

das pelo genocídio, terras que foram usurpadas para servirem de *plantation* e exploração para as colônias espanholas, francesas e inglesas, terras que serviram de recepção e escoamento de escravos. Exploração e sofrimento são marcas da história dos países do Caribe: "A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor" (Hall, 2003: 28), e essa esperança, segundo ele, se condensa como um mito fundador inscrito no imaginário do povo caribenho. No entanto, o retorno se realizará? Em "Minimal selves" (1993), Hall afirma que a migração é uma viagem sem volta, ainda, aponta motivos quase psicanalíticos para construir os motivos pelos quais se migra: "eu estou aqui porque é onde minha família não está. Eu realmente vim aqui para fugir da minha mãe. Não é essa a história universal?"[1] (Ibid.: 135). Dessa forma, ele escolhe trabalhar a relação entre migração e construção subjetiva como o ápice da constituição da subjetividade por meio da diferença. Foi como um jamaicano diaspórico que se constituiu sua experiência de migrante na Inglaterra, e, por sua vez, em seu reconhecimento como negro.

O mito do retorno redentor pode ser identificado nos relatos dos migrantes haitianos entrevistados pela autora nas atividades de campo em Manaus e Brasília em pesquisa realizada no primeiro semestre de 2013. O Haiti permanece no imaginário do migrante como sendo sua casa, ponto de origem de sua identidade e dos seus laços afetivos primordiais. O Brasil é seu lugar transitório, ainda que esse tempo seja toda uma vida? É o tempo da aposta, da preparação para a volta? Em relatos de migrantes homens, uma faceta da migração brasileira cuja maioria é masculina, é possível identificar duas tendências, se está aqui para trabalhar, pode-se trazer mulher e filhos e ainda assim estarão juntos preparando para o retorno, com a família fortalecida e desenvolvida; ou, para estudar e, tendo conquistado uma formação, atenderiam às condições materiais de efetivar o retorno e trabalhar para o desenvolvimento do seu país, o Haiti. O retorno se efetivará? Ou ele apenas funciona como uma condição da identidade diaspórica haitiana? Talvez essa questão não tenha uma resposta pronta, uma vez que "os mitos fundadores são, por definição, transistóricos: [...] seu poder redentor encontra-se no futuro, que ainda está por vir" (Ibid.: 29). Esse porvir pode durar uma vida inteira. O importante é não subestimar o poder dos mitos que "circula de volta à restauração de seu momento de originário, cura toda ruptura, repara cada fenda através desse retorno". (Ibid.: 29)

1. No original: "The truth is, I am here because its where my family is not. I really came here to get away from my mother. Isn't that the universal story of life?" Esta e as demais traduções são da autora

O mito do retorno não emergiu em relatos de migrantes africanos, na experiência circunscrita às pesquisas mencionadas, o que justificaria a quebra do poder do mito pela realidade dos vínculos estabelecidos na nova terra. Tanto os migrantes angolanos, estabelecidos no Brasil há mais de vinte anos, (Zanforlin, 2011) quanto os migrantes congoleses, que em sua maioria residiam no Brasil há menos de cinco anos, e até mesmo migrantes recém-chegados, já não entoam o discurso da volta. Em outra pesquisa iniciada no primeiro semestre de 2014, os relatos de migrantes africanos, dessa vez vindos de Gana e Senegal, e estabelecidos no Distrito Federal, tampouco, sustentam o retorno como uma promessa irrevogável. Em que pese as peculiaridades dos fluxos mencionados, os angolanos afetados pela guerra civil em seu país, os migrantes ganeses e senegaleses identificados pelo selo de *migrantes econômicos*.

Neles, o olhar está voltado para a conquista da nova casa, que é o Brasil, mas que pode vir a ser outro país no futuro. Talvez o mito fundador do imaginário africano seja o que mais se aproxima do argumento de Hall de que a migração é um caminho sem volta: a história africana se reescreve por meio da cultura a ser crioulizada no Caribe, híbrida na América, a ser desafiada politicamente na Europa: "sabemos que o termo 'África' é, em todo caso, uma construção moderna, que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto de origem comum situava-se no tráfico de escravos", como salienta Hall (2003: 31). Dessa forma, a liberdade e a conquista da autonomia ainda estejam no ponto de origem de uma identidade africana.

O Caribe, por sua vez, como aponta Hall, é o exemplo de uma diáspora moderna, com sua cultura impelida por uma estética diaspórica, em que o hibridismo e a mistura se colocam como marcas entremeadas pelas lutas culturais e pelas relações de poder. E onde África se apresente como o "significante, a metáfora", a questão seja "como interpretar a África, depois da diáspora" (Ibid.: 40). Por isso Hall advoga uma noção do conceito de "diáspora" muito mais voltada para a acepção derridiana de *différance*, que não funciona através de "binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places of passage*, significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de espectro sem começo nem fim" (Ibid.: 33). Para Hall, o conceito fechado de diáspora se apoiaria, portanto, em uma concepção binária de diferença, impossível de ser trabalhado na realidade caribenha.

USOS E ABUSOS DO CONCEITO DE DIÁSPORA

A típica definição do conceito de diáspora pode ser sintetizada como sendo "a dispersão traumática da terra original por um grupo forçosamente

disperso"[2] (Cohen, 2008: 4), e necessita, segundo Robin Cohen, ter seu entendimento atualizado. Cohen recorre a diversos autores que estudaram o tema e reúne essas discussões em *Global Diasporas* (2008). Segundo Cohen, Safran, um dos pesquisadores mais reconhecidos dessa temática, toma a experiência diaspórica judaica como sendo o ponto de partida para a definição do termo, e, ainda, localiza a característica fundamental da diáspora na tensão entre a terra deixada e o retorno idealizado: para Safran, membros de uma diáspora retêm em suas memórias coletivas sua terra original, eles idealizam a terra da ancestralidade, onde se comprometem com a restauração da terra original, e continuam a se relacionar com essa terra de diversas maneiras. (Ibid.)

2. No original: "the traumatic dispersal from original homeland of a forcibly dispersed group".

Nesse pensamento, a manutenção de um imaginário é uma condição tanto voltada para a construção simbólica da terra deixada no passado, que deve ser reencantada por gerações de pessoas de uma origem comum, como fonte de uma força imaginada para resistir e se manter diante das pressões do local para onde se foi. Esses elementos são fundamentais para a conservação de uma narrativa comum em um grupo ou comunidade diaspórica, sob o risco de não resistirem a essas pressões. A diáspora judaica é o principal exemplo para definição conceitual, uma vez que essa narrativa se iniciou em 586 a.C. e se renova ainda nos dias de hoje em textos midiáticos como justificativa, por exemplo, das ações militaristas do Estado de Israel. De qualquer forma, a tensão entre a expulsão e o retorno idealizado parece ser o traço definidor do conceito em uma multiplicidade de estudos.

A diáspora judaica, portanto, marcaria a primeira fase dos estudos sobre o tema. A segunda fase teria início nos anos 1980 em diante, e, segundo Cohen, inauguraria um uso metafórico do termo, para categorias as mais diferentes, desde expatriados, expulsos, refugiados políticos, imigrantes, minorias étnicas e religiosas, em que se pode notar um uso distinto do marco inicial, menos ligado à terra de origem, mais voltado para designar uma variedade de *clusters of diasporas*. A terceira fase, a partir da metade dos anos 1990, é marcada pela revisão e crítica conceitual da segunda fase por estudiosos da temática. O argumento é que, na pós-modernidade, as identidades tornam-se desterritorializadas, construídas e desconstruídas com mais flexibilidade. Dessa forma, conceitos como o de diáspora deveriam ser radicalmente ampliados para responder a essas transformações. A quarta fase, na virada dos anos 2000, inaugura o momento corrente em que o conceito passa por um momento de revisão e consolidação, uma vez que, para alguns estudiosos, o conceito de

diáspora estaria em vias de se tornar esvaziado de sua força descritiva e analítica devido a uma proliferação no seu uso, uma diáspora do próprio termo diáspora.

No entanto, gostaríamos de neste artigo apresentar os principais pontos que delineiam o conceito, bem como os principais grupos cuja experiência diaspórica constitui suas identidades, a partir da experiência empírica de pesquisa. Assim, além da conceituação de diáspora apresentada, precisamos, alternativa ou adicionalmente, expandir a noção de terra de origem para abarcar a memória coletiva e os mitos em torno da terra ancestral, que incluem: um comprometimento coletivo na manutenção deste lugar, pela restauração, desenvolvimento ou até mesmo sua criação; um desejo coletivo de retorno, uma forte identidade étnica sustentada ao longo do tempo em que se baseia uma história comum, a transmissão cultural, a herança religiosa baseada na crença em uma fé compartilhada, e um senso de empatia e corresponsabilidade entre membros que residem em diferentes países, em que a noção de terra de origem passa a abranger a noção mais fluida de casa e a de pertencimento. Esse caminho situaria o conceito de diáspora mais próximo da realidade contemporânea e promoveria uma distinção no uso do termo.

Para finalizar, apresentamos um panorama representativo de situações de diáspora, tal como sintetizado pelas discussões desenvolvidas em *Global Diasporas* (2008). Ressaltamos quatro tipos: 1) *diásporas de vítimas*, nas quais classicamente se destacam os judeus, africanos, armênios, também nesta pode-se incluir os irlandeses e palestinos; 2) *as diásporas laborais*, nas quais despontam os indianos, chineses e japoneses (talvez esta seja a categoria mais elástica na classificação realizada por Cohen, em que se pode associar as explorações laborais a migrantes latino-americanos, nos Estados Unidos, e, no Brasil, os bolivianos e a indústria clandestina da costura); 3) *a diáspora imperial*, em que se destacam a indústria colonial do século XIX; e 4) *a diáspora desterritorializada*, na qual Cohen situa a dos persas, a dos ciganos e a caribenha. Em relação à diáspora caribenha, Cohen compartilha da visão de Hall, recorrendo a citações deste, ao discorrer sobre a necessidade de um olhar multifacetado para a caracterização desse grupo, uma vez que a percepção da noção de terra de origem, ou homeland, pelos povos do caribe, deve passar como sendo "fluida, vibrante e frequentemente marcada por uma gama mutante de interações culturais"[3] (Cohen, 2008: 123). Ou, como citado por Hall: "a experiência de diáspora não pode ser definida unicamente pela essencialização ou pureza de um conceito, mas pelo reconhecimento da

3. No original: "seeing collective identities and homelands/homes as fluid, vibrant and frequently changing set of cultural interactions".

heterogeneidade e diversidade, por uma concepção identitária que vive pela e não a despeito da diferença, e fundamentalmente pelo hibridismo". (Hall, 2013: 197)

ESFERAS PÚBLICAS DE DIÁSPORA: AS ETNOPAISAGENS

Por mais que se tente definir o conceito de diáspora, devemos lembrar que se trata de algo em movimento, sujeito, portanto, a novas formas e acepções. Diásporas estão em constante formação e reformulação, elas podem ser feitas e refeitas, ainda mais na era global, em que se confirma a necessidade de estudá-las sem, no entanto, serem enquadradas em formatos fixos.

Cohen (2008) destaca quatro aspectos que tensionam a noção de diáspora na contemporaneidade: a globalização da economia, que permite grande conectividade; a expansão de empresas e o crescimento de novas profissões e intercâmbio laboral, criando novas oportunidades de diáspora; as migrações internacionais, que encorajam novos modelos de contratações, permanências intermitentes, visitas a familiares, possibilitando o trânsito transnacional e relativizando a adoção de uma única cidadania; o desenvolvimento de uma sensibilidade cosmopolita, na qual em muitas cidades globais já é possível identificar a intensificação de transações e interações entre pessoas de diferentes lugares do mundo; e, por fim, o *revival* da religião como foco de coesão social, por meio de uma dispersão, de um novo tipo de peregrinação, resultante do desenvolvimento multifacetado de religiões mundialmente conectadas em um complexo fenômeno diaspórico, haja vista o espalhamento das igrejas neopentecostais. (Ibid.: 141)

Outro autor que se soma a este argumento é Appadurai, que constrói "uma teoria de ruptura que toma os meios de comunicação social e a migração como os seus dois diacríticos principais e interligados" (2004: 15). Esses dois movimentos teriam efeito direto na constituição da imaginação, sendo refletida, por sua vez, na constituição da subjetividade contemporânea. Assim, o autor coloca os "fluxos de imagens, textos e sensações mediatizados" com a questão das migrações de massa, como fundamentais para a construção de "uma nova ordem de instabilidade na moderna produção de subjetividades" (Ibid.). Nessa perspectiva, a comunicação eletrônica representaria a vivência total da experiência da superação do território (desterritorialização) proporcionada pela globalização, uma vez que forneceria recursos para toda espécie de experiências de

construção do eu, em todo tipo de sociedades e para todo tipo de pessoa. A multiplicidade de signos seja na forma de notícias, seja na de diversões e entretenimento, eleva o grau de estetizações e de performance, invade a vida política ou familiar, conjugando e complexificando ainda mais a noção de tempo e de homogeneidade.

Dessa vez o efeito causado é provavelmente o de imediatismo sem precedentes, mas também da suspensão das noções de fronteiras, espaço e território, com a tendência, segundo Appadurai, para associação entre sedução, cosmopolitismo e novidade, em que as comunicações eletrônicas passam a "interrogar, subverter e transformar outras literacias contextuais" (2004: 14). O fenômeno das comunicações globais, somado ao das migrações internacionais, completaria o quadro das principais disjunturas da contemporaneidade, referido por Appadurai, que recorre a um ingrediente fundamental da composição subjetiva e responsável pela ação humana: o poder da imaginação. Não por acaso, o imaginário sobre o Brasil é recorrente em relatos de imigrantes que recorriam às telenovelas e ao futebol como fundamento para a escolha de migrar para o país: "eu já era flamenguista antes de chegar aqui", contou um congolês, ou, "sempre quis morar em Copacabana", falou uma angolana. Esses imaginários são alimentados atualmente também pelas TICs.

> Nunca como agora tantas pessoas parecem imaginar rotineiramente a possibilidade de elas ou os seus filhos viverem e trabalharem em lugares diferentes daquele em que nasceram: é esta a fonte do aumento da taxa de migrações a todos os níveis da vida social, nacional e global. [...] E depois há os que se deslocam em busca de trabalho, riqueza e oportunidades, muitas vezes porque as circunstâncias em que se encontram são intoleráveis. [...] podemos falar de diásporas de esperança, diásporas de terror e diásporas de desespero. Mas em todos os casos estas diásporas trazem a força da imaginação, como memória e como desejo, para as vidas de muita gente vulgar, para mitografias diferentes das disciplinas do mito e do ritual de tipo clássico. (Appadurai, 2004: 17)

Appadurai pretende chamar atenção para a necessidade de problematizar a compreensão das razões que motivam as diásporas contemporâneas apoiadas também pela imaginação como fator decisivo da mudança de lugar. Assim, segundo a proposta de Appadurai, embora a migração, voluntária ou forçada, não seja um fenômeno recente, deve ser estudada no contexto atual "em justaposição com o rápido fluxo de

imagens, textos e sensações mediatizados" e, dessa forma, fomentada pelo "imaginário midiático que transcende o espaço nacional" (Ibid.: 18), o que possibilitaria a formação de "esferas públicas de diáspora". Essas esferas, embora estejam situadas dentro de um território, de um país, mantêm uma dinâmica de contato para além do território nacional, constituindo-se como uma comunidade de troca e informação dentro do espaço fluido e dinâmico da internet, por exemplo.

A adoção do neologismo "etnopaisagens", elaborado por Appadurai, se justifica a partir da concordância com sua premissa de que o cotidiano contemporâneo é constituído pelo deslocamento, "de turistas, migrantes, refugiados, exilados, trabalhadores convidados e outros grupos e indivíduos em movimento, [...] e que parecem afetar a política das nações (e entre as nações) a um grau sem precedentes" (Ibid.: 51). É baseado nesses argumentos que adotamos a noção de etnopaisagens transculturais para tentar compreender como as esferas públicas de diáspora tomam forma na dinâmica cultural da vida urbana das cidades. Ou como aponta Hall (2000: 10):

> As culturas emergentes que se sentem ameaçadas pelas forças da globalização, da diversidade e da hibridização ou que fracassaram no modo como o projeto de modernização está atualmente definido podem sentir-se tentadas a fechar-se em torno das suas inscrições nacionalistas e construir muralhas defensivas contra o exterior. A alternativa não é aderir a modelos fechados, unitários e homogêneos de "pertença cultural", mas começar a aprender a abraçar os processos mais amplos – o jogo da semelhança e da diferença – que está transformando a cultura em todo o mundo. Este é o caminho da "diáspora", que é o caminho de um povo moderno e uma cultura moderna.[4]

Assim, a proposta acerca das etnopaisagens parte do pressuposto de que é necessária a adoção de novas nomenclaturas para tentar compreender a complexidade das relações entre economia, cultura e política, isto é, a mistura dos diferentes atores e de seus campos de atuação: os Estados-nação, as empresas transnacionais, as comunidades de diáspora e as correlações com campos mais tradicionais, como vilas, bairros, famílias, cidades e países. Esses múltiplos pertencimentos, locais e globais, passam a coexistir em espaços cada vez mais diversos, onde somos capazes de conviver, reconhecer e apontar a diferença, a alteridade, num entrelaçamento intercultural.

4. No original: "Emerging cultures that feel threatened by the forces of globalization, diversity and hybridization or which have failed in the way in which the project of modernization is currently defined, may feel tempted to close down around their nationalist inscriptions and construct defensive walls against the outside. The alternative is not to cling to closed, unitary, homogenous models of 'cultural belonging' but to begin to learn to embrace the wider processes – the play of similarity and difference – which is transforming culture world-wide. This is the path of 'diaspora', which is the pathway of a modern people and a modern culture".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diz Hall (2003: 45):

> Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. Aquele inaugura um novo processo de "minorização" dentro das antigas sociedades metropolitanas, cuja homogeneidade cultural tem sido silenciosamente presumida. Mas essas "minorias" não são restritas aos guetos, [...] elas engajam uma cultura dominante em uma frente bem ampla. Pertencem, de fato, a um movimento transnacional, e suas conexões são múltiplas e laterais. Marcam o fim da "modernidade" definida exclusivamente nos termos ocidentais.

Decretemos, assim, o fim da era moderna ocidental. Decretemos, então, o fim da era moderna euro-centrada? Os fluxos de pessoas vêm de todas as partes. Se o globo nunca ficou tão possível de ser apreendido, as distâncias jamais foram tão encurtadas, as viagens, por mais extensas, complicadas, custosas, deixaram de ser intransponíveis, os acessos à cidadania estão sendo cada vez mais dificultados por leis anti-imigração. As pessoas desejam e imaginam suas vidas pelos motivos mais diversos e lutam para realizar seus projetos pessoais. A autoria da própria vida está ao alcance de todos. As narrativas dos migrantes confirmam isso. Mesmo aqueles que fogem de guerras, que buscam refúgio, não se colocam no lugar de vítimas. Eles vêm para mudar a trajetória da própria vida. Eles buscam transformar o seu futuro. No entanto, as condições para a realização pessoal e segura diferem cada vez mais a partir de velhas questões que voltam à tona: etnia, país de origem, condições materiais, qualificações pessoais.

As migrações internacionais são uma realidade na Europa, nos Estados Unidos, nos países do Norte, enfim, há muito mais tempo que os do Sul. Estes viviam realidades diaspóricas, suas populações de emigrantes buscavam nos países desenvolvidos as chances de melhores condições de vida, seja a partir das oportunidades de trabalho, estudos e desenvolvimento pessoal, a condições de livre expressão subjetiva e de pontos de vida. Com o fechamento das fronteiras e o recrudescimento dos controles migratórios, os fluxos Sul-Sul se incrementam. Os movimentos de pessoas de países pobres para países em desenvolvimento, mais receptivos e menos

rigorosos nas barreiras institucionais à migração, se tornam uma alternativa. É nesse contexto que passamos a receber, ainda que timidamente, se compararmos os números brasileiros com os de países europeus, ou mesmo de alguns vizinhos, como a Argentina, por exemplo, fluxos de migrantes de países que nunca compuseram a história das nossas migrações, como Bangladesh, Paquistão, Gana, Haiti.

Estamos diante de uma novidade e de uma oportunidade. Podemos enriquecer-nos com essas presenças. Podemos complexificar a nossa história, quebrar uma estética eurocêntrica, podemos ir ao encontro do Outro, e dialogar com ele. Podemos reinventar localidades a partir dessas presenças globais. Podemos quebrar com a homogeneidade presumida, mencionada por Hall, e, por meio do contato, da tensão, e pelo trabalho da imaginação, como ressalta Appadurai, produzir localidades. Não pela mera hibridização de conteúdos, da arte, ideologia, ou da tecnologia, "mas pela negociação e tensão mútuas dos contatos". Para Appadurai, "localidades são negociações temporárias entre várias formas de circulação global. Elas não são instâncias subordinadas ao global, mas de fato a evidência desta realidade"[5] (2013: 69), para Hall, como já mencionado, esse é o caminho da diáspora, que, por sua vez, passa a ser o caminho de "pessoas modernas no mundo moderno".

Por nossas experiências de pesquisas das etnopaisagens nas cidades brasileiras, como a Praça Kantuta em São Paulo, de migrantes latino-americanos, o extinto Corredor da Central no Rio, de migrantes ango-congoleses, e, atualmente, pela formação de etnopaisagens emergentes, como na periferia de Brasília, os migrantes ganeses e paquistaneses de Samambaia, apostamos que os encontros são fundamentais para abertura ao Outro. É a praça que se transforma em lugar de diversão também para a população brasileira em São Paulo, é o jogo de futebol dos ganeses que também é jogado com os brasileiros em Samambaia. O encontro produz diálogo, mas também rechaço. A hipótese é de que o incremento de oportunidades de vivencia intercultural apresente à população local para um espaço diaspórico, com isso, via pluralidade, para um olhar mais cosmopolita, ou para um cotidiano de encontros interculturais que amplie a visão de mundo e seja reconhecido como um novo modo de comportamento. Os fluxos diaspóricos podem transformar realidades locais, tensionar visões de mundo, alargar o entendimento sobre a História, e enriquecer a vivência cotidiana.

Afinal, como afirma Cohen, "globalização e diáspora são fenômenos separados sem necessariamente ter conexões causais, mas eles caminham juntos extraordinariamente bem"[6] (2008: 154). Com um mundo cheio de pessoas fugindo de guerras e suas consequências, de xenofobia, persegui-

5. No original: "Localities are temporary negotiations between various globally circulating forms. They are not subordinate instances of the global, but in fact the main evidence of its reality".

6. No original: "Globalization and diasporization are separate phenomena with no necessary causal connections, but the 'go together' extraordinarily well".

ções e da pobreza, por fim, institui-se, para Hall, determinado tipo de globalização a qual ele chama de globalização informal, ilegal, lateral, que acaba por se constituir como um contrapoder:

> O poder diria: "fique onde está" exatamente para explorar o baixo custo dessa mão de obra. Para o poder, não faz sentido um paquistanês se mudar para Los Angeles onde vão ter que lhe pagar US$ 50 por dia. Se ele ficar onde está, será pago US$ 2 pelo mesmo trabalho. A migração que criou essa mistura de culturas pelo mundo criou cidades multiculturais, criou novas diásporas mundo afora, vai na contramão da lógica da globalização neoliberal. (Hall, 2013: 206)

Logo, Hall qualifica a diáspora como um conceito crítico no contexto político da globalização. Nesse sentido, conclui: "as diásporas são, sobretudo, um extraordinário laboratório cultural onde as tentativas de sobrevivência e as contra-negociações são trabalhadas e experimentadas" (2013: 207). É dessa forma, portanto, que as diásporas se configuram como um ponto inicial de transformações sociais e culturais nas sociedades que as vivem, o começo de novas paisagens culturais. M

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. *Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Parábola, 2004.

_____. *The future as a cultural fact*: essays on the global condition. Nova York: Verso, 2013.

COHEN, R. *Global diasporas*: an introduction. Nova York: Routledge, 2008.

HALL, S. Cultural identity and diaspora. In: RUTHERFORD, J. (Ed.) *Identity*: community, culture, difference. Londres: Lawrence & Wishart, 1990. p. 222-237.

_____. Minimal selves. In: GRAY, A.; McGUIGAN, J. (Orgs.). *Studying culture*: an introductory reader. Londres: Edward Arnold, 1993. p. 134-138.

_____. Diasporas or the cultural logics of translation. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 7., 2000, Salvador/Bahia. *Anais*... Salvador: UFBA, 2000, 14 p. mimeo.

_____. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, L. (Org.). *Da diáspora*: Identity and cultural mediations. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 25-50.

_____. Entrevista com Stuart Hall: de Heloísa Buarque de Hollanda e Liv Sovik. *Muiraquitã, Revista de Letras e Humanidades*, Rio Branco, v. 2, n. 1, p. 196-207, jul./dez. 2013.

ZANFORIN, S. C. *Etnicidade, migração e comunicação*: etnopaisagens transculturais e negociação de pertencimentos. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

Artigo recebido em 17 de março de 2015 e aprovado em 25 de maio de 2016.